

Argumentação e ethos em entrevista de Lula ao Jornal Nacional à luz da perspectiva semiolinguística do discurso

Argumentation and ethos in an interview by Lula to Jornal Nacional under the light of the semiolinguistic perspective on discourse

Jairo Venício Carvalhais Oliveira¹
Francisco Augusto Vilaça da Costa²

Resumo: Este artigo objetiva apresentar os resultados de uma pesquisa que analisou, à luz da Teoria Semiolinguística do Discurso (Charaudeau, 1992, 2007, 2008, 2013), a construção da argumentação e a projeção do ethos em uma entrevista concedida por Lula ao Jornal Nacional da rede Globo no período da campanha eleitoral de 2022. Na análise dos dados, buscamos caracterizar o contrato de comunicação que rege a entrevista em questão e, na sequência, procuramos examinar tanto a organização argumentativa das perguntas quanto a estruturação argumentativa das respostas, investigando ainda, em relação ao conteúdo presente nas respostas, os recursos retórico-argumentativos que um candidato ao cargo de presidente da República mobiliza no decurso da interação para projetar diferentes imagens de si no discurso. No tocante à metodologia, este trabalho é fruto de uma pesquisa documental, de natureza qualitativa e de caráter interpretativista dos dados. Em síntese, os resultados evidenciam que a argumentação atravessa e constitui o espaço discursivo da entrevista, visto que os participantes da interação acionam recursos argumentativos, defendem posicionamentos e procuram agir sobre a instância de recepção na busca por audiência. No caso do entrevistado, notou-se um uso estratégico do discurso para a construção do ethos.

Palavras-chave: Entrevista política. Lula. Semiolinguística. Argumentação. Ethos.

Abstract: This article aims at presenting the results of a research which studied, under the light of the Semiolinguistic Theory of Discourse (Charaudeau, 1992, 2007, 2008, 2013), the construction of the argumentation and the projection of the ethos in an interview granted by Lula to Rede Globo's Jornal Nacional during the 2022 election campaign. During the data analysis, we first sought out to describe the communication contract that rules the interview in question, and then analysed both the argumentative organization of the questions and the argumentative structure of the answers, also investigating, based on the content of the answers, the rhetoric-argumentative resources that a presidential candidate uses to project different images of the self in the discourse. When it comes to the methodology, this work stems from a documental research, of qualitative nature and with an interpretivist analysis of the data. In summary, the results show that the argumentation crosses and constitutes the discursive space of the interview, since the participants of the interaction activate argumentative resources, stand up for positions and seek out to act on the instance of reception in search for audience. In relation to the interviewee, a strategic use of the discourse for the construction of the ethos was noticed.

Keywords: Political interview. Lula. Semiolinguistics. Argumentation. Ethos.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras, Belo Horizonte, MG, Brasil. Endereço eletrônico: jairovco.ufmg@gmail.com

² Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, MG, Brasil. Endereço eletrônico: franvilcos.0711@gmail.com

Introdução

Nos últimos anos, as entrevistas jornalísticas concedidas por candidatos políticos a cargos públicos têm sido objeto de investigação nos estudos da linguagem. Nessa seara, destacam-se pesquisas elaboradas a partir de quadros teóricos diversos, tendo em vista diferentes finalidades. Entre esses trabalhos, situa-se o estudo de Pilatti (2009) que, sob um prisma sociolinguístico, procurou examinar a configuração de episódios polêmicos em entrevistas realizadas com sujeitos políticos em mídia radiofônica; o estudo de Gonçalves-Segundo (2016) que, por meio do diálogo empreendido entre o modelo argumentativo de Toulmin e a perspectiva textual-interativa, buscou investigar a construção da argumentação em uma entrevista de Fernando Haddad ao SPTV, da Rede Globo, em 2012; ou, ainda, o trabalho de Cunha (2023) que, no âmbito da análise da conversa etnometodológica, investigou as relações textuais como recursos para a episteme-em-ação, tomando como objeto de pesquisa as perguntas construídas por entrevistadores numa situação de entrevista com presidenciável.

O presente artigo busca, em alguma medida, contribuir para o estado da arte no que diz respeito à análise de entrevista em período de campanha eleitoral. Contudo, diferentemente dos trabalhos elencados, nosso estudo focaliza a construção da argumentação e a projeção do ethos nessa prática discursiva, tomando como arcabouço teórico-metodológico central a perspectiva semiolinguística do discurso proposta por Charaudeau (1992, 2007, 2008, 2013). Em outros termos, a partir dos objetivos traçados para a pesquisa, buscamos caracterizar o contrato de comunicação que rege uma entrevista com presidenciável (Cunha, 2023) e, na sequência, procuramos examinar tanto a organização argumentativa das perguntas quanto a estruturação argumentativa das respostas, investigando ainda, em relação ao conteúdo presente nas respostas, os recursos retórico-argumentativos que um candidato ao cargo de presidente da República mobiliza no decurso da interação para projetar diferentes imagens de si no discurso.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa documental, de caráter qualitativo, que teve como objeto de investigação a entrevista do candidato Luiz Inácio Lula da Silva concedida ao Jornal Nacional durante o primeiro turno da campanha eleitoral para a presidência da República em 2022. Levando em consideração o escopo do presente artigo, apresentamos uma análise de dois pares adjacentes de pergunta/resposta relativos à entrevista concedida por Lula ao programa jornalístico da TV Globo em 25 de agosto de 2022, tendo em vista o alcance dos objetivos apresentados. Para tanto, foram selecionadas duas interações representativas do *corpus* estudado, as quais versam sobre as seguintes temáticas: (i) o posicionamento de Lula sobre episódios de corrupção no cenário político nacional; (ii) as ações previstas pelo entrevistado em relação ao equilíbrio fiscal das contas públicas. No processo de análise de dados, descrevemos o contrato comunicacional da entrevista,

examinamos a configuração argumentativa das perguntas e da respostas e investigamos a projeção do ethos no discurso.

No que diz respeito à estruturação composicional, este artigo encontra-se organizado da seguinte forma: além da introdução, discorremos sobre alguns conceitos da teoria semiolinguística, com foco nas noções de contrato de comunicação e encenação argumentativa, e tratamos, também, do conceito de ethos no discurso. Na sequência, de forma sucinta, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa e, logo após, apresentamos a análise de duas interações representativas do *corpus* estudado. Por fim, tecemos as considerações finais, momento em que retomamos os principais pontos do trabalho analítico, com destaque para a argumentação e seus desdobramentos éticos no funcionamento de uma entrevista política.

Semiolinguística: do contrato de comunicação à encenação argumentativa

Durante muito tempo, os estudos sobre a linguagem ficaram circunscritos a uma concepção de língua como sistema e como estrutura, focalizando as relações internas de sua constituição. A partir dos estudos de Bakhtin/Volochínov (2006 [1929]), nota-se uma profunda transformação no modo de pensar essas questões, visto que a linguagem, mais do que expressão do pensamento ou elemento de comunicação, passa a ser compreendida como atividade dialógica, intrinsecamente vinculada a fenômenos de ordem enunciativa e de natureza social, histórica e ideológica. Assim, é no bojo dessas transformações que Charaudeau inaugura a teoria semiolinguística do discurso. Segundo o teórico francês, um ato de linguagem não esgota a sua significação apenas na forma explícita dos signos linguageiros (Charaudeau, 2008), uma vez que a construção de sentidos precisa levar em consideração aspectos situacionais e sociais, constituindo-se, portanto, a partir de um duplo circuito que abarca restrições impostas por uma situação concreta de comunicação e por estratégias a que um sujeito recorre para encenar o seu dizer.

A partir desses apontamentos, constata-se que, na semiolinguística, um ato de linguagem se constitui a partir da existência de “dois circuitos de produção do saber” (Charaudeau, 2008, p. 53): o espaço externo, pertencente ao nível situacional, e o espaço interno, pertencente ao nível discursivo. O espaço externo, também denominado “circuito externo à fala configurada”, representa o fazer situacional e abriga dois sujeitos: o sujeito comunicante (E_{Uc}) e o sujeito interpretante (T_{Ui}). Trata-se, nesse caso, de seres psicossociais e parceiros da comunicação, isto é, de sujeitos empíricos que participam de uma encenação discursiva por meio de um contrato de comunicação. Já o espaço interno, denominado por Charaudeau como o “circuito da fala configurada”, corresponde ao nível discursivo, ao espaço do dizer que é ocupado por outros dois sujeitos, internos à linguagem: o sujeito enunciador (E_{Ue}) e o sujeito destinatário (T_{Ud}). Assim sendo, um ato de linguagem

combina, em sua estruturação, o plano do fazer (espaço externo, de ordem situacional) e o plano do dizer (espaço interno, de ordem discursiva), indissociáveis um do outro. (Charaudeau, 2008; Pauliukonis e Gouvêa, 2012).

Esses níveis se complementam e se sustentam para formar um componente de primeira importância na semiolinguística, que é o “contrato de comunicação”. Esse contrato pode ser entendido como um ritual sociodiscursivo composto pelo conjunto de restrições e de liberdades que rege os discursos. Segundo Charaudeau (2013, p. 68), “o necessário reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca languageira nos leva a dizer que estes estão ligados por uma espécie de acordo prévio” ou, em outros termos, por um contrato de comunicação. Os dados externos desse contrato revelam os aspectos situacionais da comunicação e se encontram organizados em quatro categorias, conforme destaca Charaudeau (2013): (i) a identidade dos parceiros da comunicação (sujeito comunicante e sujeito interpretante); (ii) a finalidade do ato de linguagem, condição que requer que todo ato de linguagem seja ordenado em função de um objetivo (fazer-saber, fazer-criar, fazer-compreender, fazer-sentir e fazer-fazer); (iii) o propósito ou tematização do discurso, que corresponde ao universo temático a que os parceiros deve lançar mão numa troca comunicativa; (iv) o dispositivo, que corresponde às circunstâncias materiais em que a comunicação se desenvolve. Neste trabalho, a primeira parte da análise de dados referente à entrevista jornalística concedida por Lula ao Jornal Nacional em 2022 explicita, de forma elucidativa, todos os processos responsáveis pela dimensão situacional da interação discursiva que caracteriza a entrevista.

Além da dimensão situacional, a semiolinguística postula que um ato de linguagem é também caracterizado por meio da sua dimensão interna, de ordem discursiva, espaço em que os sujeitos se valem de diferentes estratégias enunciativas e enuncivas para levar a cabo o seu projeto de dizer. Essas estratégias podem ser extraídas dos modos de organização do discurso (enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo). Cada um desses modos se organiza de maneira particular, fornecendo aos protagonistas da troca languageira (sujeito enunciador e sujeito destinatário), imbricados, respectivamente, no processo de produção e de recepção do discurso, variados mecanismos e procedimentos para a produção conjunta de sentidos (Charaudeau, 1992, 2008). Neste trabalho, interessa-nos mais de perto os procedimentos relacionados ao modo argumentativo de organização do discurso.

Nesse modo, Charaudeau (2008) explicita a mecânica de funcionamento do discurso argumentativo e aponta os componentes e procedimentos que, em conjunto, operam a serviço da argumentação. Ressalta o teórico francês que “o sujeito que argumenta passa pela expressão de uma convicção e de uma explicação que tenta transmitir ao interlocutor para persuadi-lo a modificar seu comportamento” (Charaudeau, 2008, p. 205). Assim sendo, é importante assinalar que, no âmbito da semiolinguística, a argumentação deve estar

condicionada a um contrato de comunicação e precisa atender a certas condições para a deflagração da sua ocorrência. Em primeiro lugar, é necessário que exista uma proposta sobre o mundo, que provoque em alguém um questionamento quanto à legitimidade dessa proposta; também deve haver um indivíduo que se engaje em relação a esse questionamento e produza um raciocínio que busque o estabelecimento de uma verdade quanto à proposta que suscitou esse questionamento; e, por fim, é necessária a existência de um indivíduo que, relacionado com a mesma proposta, questionamento e verdade, constitua-se como alvo da argumentação. (Charaudeau, 2008).

Nesse sentido, é possível dizer que a “argumentação define-se, portanto, numa relação triangular entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo” (Charaudeau, 2008, p. 205). Além disso, a semiolinguística destaca que o modo argumentativo de organização do discurso permite produzir argumentações sob diferentes formas, numa dupla perspectiva de razão demonstrativa e de razão persuasiva. A razão persuasiva fundamenta-se num mecanismo que visa provar ou atestar, por meio de argumentos, propostas sobre o mundo através das “relações de causalidade que unem as asserções umas às outras”. (Charaudeau, 2008, p. 207). Assim, é por meio da razão persuasiva que, numa determinada troca linguageira, o sujeito argumentante encena o seu dizer, inscrevendo a sua fala em um dispositivo argumentativo composto por uma proposta sobre o mundo (tese), por uma tomada de posição desse sujeito frente a essa proposta (por meio de uma proposição) e, ainda, pela capacidade desse sujeito na sustentação de pontos de vista por meio de um quadro de persuasão.

No processo de encenação argumentativa, Charaudeau (2008) destaca que o sujeito argumentante, para fazer valer o propósito, pode acionar diferentes estratégias argumentativas para persuadir o seu interlocutor, valendo-se de procedimentos semânticos e discursivos. Os procedimentos semânticos se baseiam no valor dos argumentos e se encontram distribuídos em cinco domínios de avaliação: domínio da Verdade, domínio do Estético, domínio do Ético, domínio do Pragmático e domínio do Hedônico. Já os procedimentos discursivos abarcam categorias linguísticas e tipos de argumentos que a instância de produção, aqui representada pelo sujeito político, busca utilizar para, “no âmbito de uma argumentação, produzir certos efeitos de persuasão” (Charaudeau, 2008, p. 236). Essas categorias serão retomadas, com maior detalhamento, na análise dos dados.

A questão do ethos no discurso

Os estudos no campo da retórica e da argumentação mostram que, na busca da persuasão, o orador deve se valer não apenas de argumentos lógicos e plausíveis, assentados no terreno da razão, mas também de recursos emocionais, na tentativa de sensibilizar o auditório e, ainda, de mecanismos representacionais, responsáveis por garantir, no plano da enunciação, a projeção de imagens positivas de si (Amossy, 2005; Dittrich, 2008; Reboul, 2004). Na perspectiva da retórica clássica, Aristóteles classificou esses três tipos de provas como logos, ethos e pathos.

Em linhas gerais, o logos, segundo Aristóteles, é o ato de persuadir “pelo discurso, quando mostramos a verdade ou o que parece verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular”. O pathos, por sua vez, busca persuadir “pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio” (2005, [c.400 a.C] p. 97). O ethos, por seu turno, é um meio de prova derivado do caráter do orador e designa a imagem projetada por ele através de seu discurso. Segundo pontua o filósofo grego,

persuade-se pelo caráter [ethos] quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exato e que deixam margem para dúvida. É, porém, necessário que essa confiança seja resultado do discurso. (Aristóteles, 2005, [c.400 a.C] p. 96).

Na busca da persuasão, Eggs (1999) pontua, com base na *Arte Retórica* de Aristóteles, que o ethos do orador não é resultado de uma imagem pública, exterior ao discurso, mas um fenômeno vinculado à palavra. Além disso, a tradição clássica mostra que, no empreendimento retórico, o orador procurava causar uma espécie de “predisposição” do auditório ao qual dirigia sua fala. Para a obtenção de sucesso nessa empreitada, três qualidades eram entendidas como condição persuasiva dos oradores: (i) a prudência [*phrónesis*]; (ii) a virtude [*areté*], (iii) a benevolência [*eúnoia*] (Aristóteles, 2005, [c.400 a.C]). Ao lançar mão dessas estratégias para a boa construção da sua imagem (ethos), o orador “poderia até mesmo dispensar os raciocínios mais elaborados, que caracterizavam as argumentações centradas no *logos* em sua acepção demonstrativa” (Galinari, 2012, p. 53).

Vale pontuar, entretanto, que o conceito de ethos inicialmente pensado por Aristóteles na retórica grega sofreu algumas alterações ao longo dos séculos. Nesse sentido, “o que era uma disciplina única – a retórica – reverbera hoje em diferentes disciplinas teóricas e práticas, que têm interesses distintos e captam o ethos sob facetas diversas” (Maingueneau, 2005, p. 12-13). Além disso, se na retórica grega a modalidade linguística predominante nas interações

entre os indivíduos era a fala, nos tempos atuais as formas de comunicação são múltiplas e variadas, exigindo, portanto, novas formas de apreensão do ethos no discurso.

Diante desses apontamentos, é lícito pensar que, se o ethos está intrinsecamente ligado ao ato de enunciação, não se pode negar, contudo, que o público (auditório) constrói previamente representações acerca do ethos do orador. No âmbito da Análise do Discurso, essa problemática é o que pauta, por exemplo, a distinção feita por Maingueneau (2005) entre os conceitos de ethos pré-discursivo e de ethos discursivo. Este é forjado na presentificação da linguagem no ato de enunciação, enquanto aquele diz respeito aos atributos e características socialmente difundidos a respeito do orador ou da instância de produção de um discurso.

No campo da semiolinguística, Charaudeau (2007, 2008) também coloca em cena contribuições importantes e necessárias sobre o ethos. O autor registra que a identidade do sujeito nas trocas linguageiras comporta duas dimensões: uma de natureza social e outra de ordem discursiva. A identidade social, para Charaudeau, relaciona-se ao universo situacional do discurso e está atrelada ao sujeito enquanto ser empírico e psicossocial. Portanto, as imagens pré-existentes, positivas e/ou negativas, constitutivas do ethos pré-construído (ethos prévio), ligam-se à figura do sujeito comunicante nas trocas linguageiras. A identidade discursiva, por sua vez, recai sobre o sujeito enunciador, situado no espaço interno e estratégico da encenação do dizer. É nesse território, portanto, que o sujeito, visto como ser do discurso, aciona diferentes recursos linguageiros e projeta, de acordo com seu projeto de fala, diferentes imagens de si, o que Charaudeau denomina de ethos construído (ethos presente). Em síntese, o teórico francês considera o ethos a partir de dois aspectos: como a imagem prévia do sujeito empírico que fala e como a imagem que esse sujeito, no escopo da enunciação, projeta em relação aos seus interlocutores, tendo em vista um constante “cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê.” (Charaudeau, 2008, p.115).

No âmbito do discurso político, Charaudeau (2007) destaca que o ethos pode ser abordado a partir de duas categorias principais: os ethé de credibilidade e os ethé de identificação. Para projetar uma imagem de credibilidade junto aos eleitores, o sujeito político precisa atender a três condições essenciais: (i) condição de sinceridade, relativa ao grau de honestidade e de transparência sobre o que diz; (ii) condição de performance, que se refere à capacidade de colocar em prática o que promete; (iii) condição de eficácia, que envolve a habilidade de reunir os recursos necessários para realizar as ações planejadas. Portanto, atreladas a essas condições, diferentes imagens de si podem ser projetadas no discurso, tais como o ethos de seriedade, o ethos de virtude, o ethos de competência e o ethos de responsabilidade, por exemplo.

No tocante aos ethé de identificação, Charaudeau (2007) enfatiza a importância da construção de imagens afetivas no campo político, haja vista que a conquista da opinião pública e dos eleitores deve se basear em valores, crenças e princípios capazes de tocar emocionalmente a instância de recepção. Assim, para que haja uma identificação entre sujeito político e eleitor, o discurso de um determinado candidato poderá lançar mão de ethé assentados no campo do afeto, com destaque para as imagens de caráter, de potência, de inteligência, de humanidade, de altruísmo, dentre outras possíveis, centradas no campo da empatia e dos imaginários sociais que legitimam a ocorrência de uma possível reciprocidade de valores entre as instâncias de produção e de recepção do discurso.

Cumpre assinalar que as diferentes imagens de credibilidade e de identificação presentes no discurso político são forjadas a partir de procedimentos lingüísticos variados, alimentando-se de recursos de ordem prosódica, gestual, enunciativa, lexical, enciclopédica, argumentativa e ideológica. No escopo deste trabalho, levando em consideração os pressupostos da teoria semiolinguística de Charaudeau (2008), a descrição e a interpretação dos ethé identificados na entrevista de Lula ao Jornal Nacional serão feitas a partir de categorias extraídas do modo argumentativo de organização do discurso. Dito de forma mais clara, na análise das perguntas, serão considerados os elementos que caracterizam o dispositivo argumentativo, o qual se constitui a partir de uma proposta sobre o mundo (dado ou tese), de um posicionamento do sujeito que argumenta em relação à proposta colocada em cena (posicionamento favorável, contrário ou incerto) e de um quadro de persuasão capaz de sustentar a veracidade da proposta em questão. Na análise das respostas formuladas pelo então candidato Luiz Inácio Lula da Silva, procedimentos de natureza semântica e discursiva provenientes do modo argumentativo proposto por Charaudeau (2008) serão utilizados como índices deflagradores de diferentes ethé que Lula busca projetar em seu discurso.

Feitas essas considerações sobre a noção de ethos e sobre os recursos lingüísticos que sustentam tais imagens no plano do discurso, apresentamos, na sequência, os procedimentos metodológicos utilizados na elaboração da pesquisa que deu origem a este artigo.

Aspectos metodológicos e análise dos dados

Este trabalho é fruto de uma pesquisa documental, de caráter qualitativo, que teve como objeto de investigação a entrevista do candidato Luiz Inácio Lula da Silva concedida ao Jornal Nacional durante o primeiro turno da campanha eleitoral para a Presidência da República em 2022. Levando em consideração o escopo do presente artigo, apresentamos uma análise de dois pares adjacentes de pergunta/resposta relativos à entrevista concedida por Lula ao programa jornalístico da TV Globo em 25 de agosto de 2022, tendo em vista o exame das estratégias discursivas acionadas pelo sujeito político na construção do seu ethos.

As duas interações selecionadas são representativas do *corpus* estudado e versam sobre as seguintes temáticas: (i) o posicionamento de Lula sobre episódios de corrupção no cenário político nacional; (ii) as ações previstas pelo entrevistado em relação ao equilíbrio fiscal das contas públicas. No processo de análise, descrevemos o contrato comunicacional da entrevista, examinamos a configuração argumentativa das perguntas e das respostas e identificamos as principais imagens de si que Lula busca construir em seu discurso. As análises respaldam-se nos pressupostos da teoria semiolinguística de Análise do Discurso, com especial atenção para a organização argumentativa das perguntas/respostas e para a projeção do ethos no discurso político do candidato em questão.

A entrevista, em sua totalidade, teve duração de quarenta e um minutos e vinte e dois segundos (41min22s.), totalizando 34 pares de pergunta/resposta. Importante registrar que, na pesquisa, foi utilizada a transcrição realizada em sua totalidade pelo jornal digital *Poder360*,³ apresentada na íntegra em seu site na internet. A entrevista também se encontra disponível na plataforma Globoplay e pode ser acessada por meio do seguinte endereço eletrônico: <https://globoplay.globo.com/v/10882697/>. Tendo em vista o alcance dos objetivos traçados, apresentamos, nos próximos tópicos, a análise dos dados.

O contrato de comunicação da entrevista

A análise de uma interação linguística, em conformidade com a teoria semiolinguística, contempla dois circuitos, interdependentes e indissociáveis um do outro: o circuito externo, que comporta a dimensão situacional da interação, e o circuito interno, espaço da enunciação, que corresponde à construção das estratégias discursivas. Assim, para uma análise relacionada à entrevista de Luiz Inácio Lula da Silva ao Jornal Nacional em 2022, no período de campanha eleitoral, é preciso compreender, primeiramente, a situação comunicativa que caracteriza essa interação.

A comunicação humana, segundo explica Charaudeau (1992, 2008), é sempre mediada por algum tipo de contrato prévio, o qual sobredetermina o que pode e deve ser dito em diferentes situações de uso da linguagem. A comunicação de caráter político-eleitoral instaurada na entrevista analisada, por exemplo, caracteriza-se a partir de um contrato estabelecido entre os parceiros da interação (sujeito comunicante e sujeito interpretante). Esse contrato de comunicação, além de estabelecer as finalidades da troca, também coloca em cena o propósito (a tematização do discurso) e o dispositivo (circunstâncias materiais), configurando-se, portanto, como um conjunto de restrições situacionais que engloba tanto a instância de produção quanto a instância de recepção do discurso.

³ A entrevista completa de Lula ao Jornal Nacional, em agosto de 2022, pode ser consultada no site oficial do jornal “Poder360”, no endereço eletrônico: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/leia-a-transcricao-da-entrevista-de-lula-ao-jornal-nacional/>. Acesso em: 10 de out. 2024.

Na dimensão situacional da entrevista, ao focalizarmos o discurso construído com base nas perguntas e respostas, nota-se que a interação contempla diferentes sujeitos que, no âmbito da semiolinguística, são designados como “parceiros” do ato de linguagem, a saber: (i)⁴ de um lado, um sujeito comunicante compósito (EUC) formado pela figura dos jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos, sujeitos empíricos, representantes do grupo Globo de comunicação, responsáveis pela formulação das perguntas e, ainda, a figura do então candidato Luiz Inácio Lula da Silva, sujeito empírico, nascido em 27 de outubro de 1945, ex-metalúrgico, ex-sindicalista e político brasileiro, filiado ao Partido dos Trabalhadores e ex-presidente da República por dois mandatos consecutivos (2003 a 2006 e 2007 a 2010).

Na campanha de 2022 à presidência, Lula era o candidato da coligação intitulada “Brasil da Esperança”, que reuniu federações partidárias (FE Brasil – PT, PCdoB, PV e Federação PSOL - REDE), além de outros cinco partidos (Solidariedade, PSB, AGIR, AVANTE e PROS). Portanto, na instância de produção do discurso, o sujeito comunicante é constituído pelos jornalistas (entrevistadores) e por Lula (entrevistado); (ii) por outro lado, na instância de recepção, encontra-se um público heterogêneo, composto por cidadãos brasileiros diversos que, durante o primeiro turno das eleições, acompanharam pela televisão a entrevista concedida por Lula ao Jornal Nacional. Esse público, vale ressaltar, é constituído tanto por eleitores de Lula quanto por eleitores de outros candidatos à presidência ou, ainda, por sujeitos indecisos quanto ao voto no pleito de 2022. Esse público heterogêneo, portanto, configura-se como o Sujeito Interpretante (TUI) da interação.

Ainda em relação ao contrato de comunicação, levando em conta o conteúdo das perguntas e respostas analisadas, nota-se que o propósito, aqui entendido como a tematização do ato de linguagem, diz respeito ao universo de discurso acionado pela instância de produção para a elaboração de perguntas e para a formulação de respostas. No plano situacional das duas interações analisadas, as perguntas e respostas tematizaram tanto os escândalos de corrupção ocorridos durante o governo do PT, atrelados à imagem de Luiz Inácio Lula da Silva, quanto o posicionamento de Lula em relação ao equilíbrio fiscal das contas públicas.

A teoria semiolinguística postula, por meio do princípio de influência que regula a comunicação, que todo ato de linguagem pressupõe uma intencionalidade que pode ser expressa por meio de visadas discursivas. Assim, no tocante à finalidade contratual, as perguntas são caracterizadas, predominantemente, por uma visada de informação, marcadas

⁴ As informações sobre a biografia de Lula e os dados referentes à coligação partidária “Brasil da Esperança” foram extraídos, respectivamente, do site oficial do Palácio do Planalto e do site oficial do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), com acesso por meio dos seguintes endereços eletrônicos: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/biografia-do-presidente> e <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Setembro/tse-defere-registro-da-candidatura-de-lula-a-presidente-da-republica-769636>. Acesso em: 30 de jan. 2025.

por uma “fazer-saber”, haja vista que a intenção discursiva dos jornalistas se ancora na ideia de levar ao público, por meio da entrevista, um conjunto de informações a respeito do candidato entrevistado, a fim de que esse público conheça as propostas de governo do sujeito político e avalie o comportamento desse mesmo sujeito diante de assuntos diversos. As respostas elaboradas pelo entrevistado, por sua vez, revelam, predominantemente, uma dupla empreitada. Primeiramente, tais respostas colocam em cena uma visada demonstrativa, caracterizada pelo fato de a instância de produção acionar dados, informações e argumentos favoráveis à construção da sua imagem no e pelo discurso, colocando-se como a melhor opção para presidir o Brasil. Ademais, em se tratando do discurso político-eleitoral que caracteriza a entrevista, observa-se que a visada demonstrativa, na verdade, está a serviço de uma finalidade ainda maior, marcada nas respostas pela visada prescritiva do “fazer-fazer”. No final das contas, o propósito central da instância de produção do discurso (Lula) não é apenas convencer ou fidelizar os próprios eleitores, mas fornecer evidências ou dados capazes de atrair e conquistar novos votos.

No que concerne às circunstâncias materiais da troca, a interação entre os jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos, de um lado, e Luiz Inácio Lula da Silva, de outro, acontece de forma síncrona, em tempo real, no estúdio do Jornal Nacional da TV Globo, na cidade do Rio de Janeiro. Nesse caso, trata-se, portanto, de uma troca dialogal, marcada predominantemente pela alternância de turnos de fala, em que um(a) jornalista (entrevistador) elabora a pergunta e o candidato (entrevistado) responde ao questionamento. Em alguns momentos, ocasionalmente, o entrevistador pode interromper a resposta do entrevistado, tendo em vista um direcionamento mais preciso da resposta em relação ao tópico discursivo abordado na pergunta.

Já a interação estabelecida pelos jornalistas + Lula (no papel de sujeitos comunicantes), situados na instância de produção do discurso, e os telespectadores que assistiam à entrevista (sujeitos interpretantes), situados na instância de recepção da troca linguageira, também se configura por meio de uma simultaneidade temporal, de natureza síncrona, mas com distância no eixo espacial, uma vez que tal interação não permitia aos telespectadores uma comunicação direta com a instância de produção do discurso, sendo, portanto, uma interação mediada (via Rede Globo – mídia televisiva). Feita essa breve caracterização do contrato comunicacional que rege a entrevista em questão, apresentamos, na sequência, a análise de dois pares adjacentes de pergunta/resposta, com vistas ao entendimento da organização argumentativa das perguntas e respostas e à caracterização do ethos argumentativo que Lula procura construir no fluxo da interação.

Análise do par pergunta/resposta I: Lula e os casos de corrupção

Pergunta I - elaborada por William Bonner

1. "Vamos começar falando de corrupção. O Supremo Tribunal Federal lhe deu razão, considerou o
2. então juiz Sérgio Moro parcial, anulou a condenação do caso do triplex e anulou também outras
3. ações por ter considerado a vara de Curitiba incompetente. Portanto, o senhor não deve nada à
4. justiça. Mas houve corrupção na Petrobras e, segundo a justiça, com pagamentos a executivos da
5. empresa, a políticos de partidos como o PT, como o então PMDB, e o PP. Candidato, como é que o
6. senhor vai convencer os eleitores de que esses escândalos não vão se repetir?"

Resposta à pergunta I – elaborada por Lula

1. "Bonner, primeiro eu acho importante você ter começado com essa pergunta. Porque durante 5 anos
2. eu fui massacrado e tô tendo hoje a primeira oportunidade de poder falar disso abertamente ao vivo
3. com o povo brasileiro. Primeiro, a corrupção ela só aparece quando você permite que ela seja
4. investigada.

5. Eu queria começar dizendo para você uma coisa muito séria: foi no meu governo que a gente criou
6. Portal da Transparência, que a gente colocou a CGU como Ministro para fiscalizar, que a gente criou
7. a lei de acesso à informação, a gente criou a lei anticorrupção, a lei contra o crime organizado, a lei
8. quanto a lavagem de dinheiro. AGU entrou no combate à corrupção, criamos o que é o Coaf para
9. cuidar de movimentações financeira atípicas e colocamos um CAD para combater os cartéis. Ou
10. seja, foram todas medidas tomadas no meu governo.

11. Além de que o Ministério Pùblico era independente e além do que a Polícia Federal recebeu do
12. governo mais liberdade do que em qualquer outro momento da história. Porque você tá lembrado
13. que em 2005, quando surgiu a questão do mensalão, eu cheguei a dizer o seguinte: 'só existe uma
14. possibilidade de alguém não ser investigado nesse país, é não cometer erro. Se cometer erro, vai
15. ser investigado'. E foi isso que nós fizemos. Olha, se alguém comete um erro, alguém comete um
16. delito, investiga-se, apura, julga, condena ou absolve, e tá resolvido o problema. O que foi o
17. equívoco da lava-jato, é que ela já enveredou por um caminho político delicado, a lava-jato
18. ultrapassou o limite da investigação e entrou no limite da política. E o objetivo era o Lula. O objetivo
19. era tentar condenar o Lula.

20. Não sei se você tá lembrado que no primeiro depoimento que eu fui dar ao Moro, eu falei: 'Moro,
21. você está condenado a me condenar. Porque você já permitiu que a mentira foi longe demais e
22. você sabe do que eu estou falando'. E aconteceu exatamente o que eu previa. Quando nós
23. entramos com habeas corpus na Suprema Corte, foi antes e bem antes do hacker, e se você pegar
24. o nosso habeas corpus, a gente tá dizendo coisa que depois se descobriu com hacker investigado
25. pela Polícia Federal.

26. Então vou te dizer uma coisa, vou dizer para você olhando nos olhos do povo brasileiro: não há
27. hipótese. Eu quero voltar à presidência da repùblica e qualquer hipótese de alguém cometer
28. qualquer crime por menor ou por maior que seja, essa pessoa será investigada, essa pessoa será
29. julgada e essa pessoa será punida ou absolvida. É assim que você combate à corrupção num país".

Nessa interação, um primeiro aspecto a ser analisado diz respeito à pergunta feita por William Bonner ao entrevistado. O jornalista da rede Globo inicia a entrevista a partir de um tópico discursivo bastante espinhoso ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva, tópico este que aborda os escândalos de corrupção ocorridos não somente durante o mandato de Lula como presidente da República, como também outros casos de corrupção ocorridos no mandato da sua sucessora, a ex-presidente Dilma Rousseff (2011 a 2014 e 2015 a 2016). A pergunta propriamente dita "Candidato, como é que o senhor vai convencer os eleitores de que esses

escândalos não vão se repetir?" caracteriza-se, de acordo com Hoffnagel (2005), como uma pergunta aberta, uma vez que tal questionamento oferece margem para que o entrevistado (Lula) possa discorrer sobre o tema.

Além disso, com base em Charaudeau (2008), é importante registrar que, em sua totalidade, tal pergunta é organizada por meio de um dispositivo argumentativo que contém as seguintes partes: (i) uma proposta de partida; (ii) um posicionamento quanto a essa proposta; (iii) um quadro de persuasão e (iv) uma conclusão (em forma de uma pergunta aberta). Tais processos podem ser vistos, de forma mais bem delineada, no esquema apresentado a seguir.

Esquema 1: organização argumentativa da pergunta I

Proposta	Em relação à anulação de condenações sobre Lula: • O STF considerou Sérgio Moro parcial • O STF anulou a condenação do caso triplex • O STF anulou outras ações (vara de Curitiba incompetente) • Portanto → Lula não deve nada à justiça
Proposição	Posicionamento quanto à proposta: • Apresentação de uma contradição
Persuasão	Houve corrupção na Petrobrás: • Arg. 1: Com pagamentos a executivos da empresa • Arg. 2: Com pagamentos a políticos do PT, PMDB e PP
Conclusão	Alegação (em forma de questionamento): • Candidato, como é que o senhor vai convencer os eleitores de que esses escândalos não vão se repetir?

Fonte: elaboração dos autores.

Como mostra o esquema 1, Willian Bonner, no papel de entrevistador, elabora a sua pergunta a partir da instanciação cumulativa de episódios que caracterizam a configuração argumentativa do seu dizer. Importante assinalar que, já de início, o jornalista delimita o tópico discursivo a partir do qual a pergunta será construída (espaço temático da corrupção). Feita essa delimitação, ele coloca em cena a informação de que Lula não deve nada à justiça brasileira, ancorando sua fala em dados fornecidos pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Esse enunciado, na esquematização argumentativa, funciona como uma proposta de partida (Charaudeau, 2008). No processo interacional da entrevista, nota-se que essa proposta inicial estabelece um contexto jurídico favorável ao entrevistado, pois introduz a ideia de que o Supremo Tribunal Federal (STF) não só considerou o ex-juiz juiz Sérgio Moro parcial como também anulou a condenação do triplex e de outras ações da vara de Curitiba.

Na sequência, entretanto, o jornalista expressa uma contradição, indicada pelo uso da palavra "mas". Para sustentar esse posicionamento, Bonner apresenta, no espaço destinado

à persuasão, informações relativas a atos de corrupção na Petrobras, ocorridos durante o governo de Lula frente à Presidência da República. Assim, ancorado na premissa inicial e nos dados que caracterizam uma esquematização argumentativa (proposta + proposição + quadro de persuasão), o jornalista da rede Globo elabora a pergunta: “Candidato, como é que o senhor vai convencer os eleitores de que esses escândalos não vão se repetir?”. Vale acrescentar que esse questionamento argumentativo carrega consigo, segundo propõe Charaudeau (2008), um efeito de provação, cabendo ao entrevistado uma resposta pautada na rejeição ou na justificação do conteúdo proposicional explicitado na alegação presente na pergunta (cf. Gonçalves-Segundo, 2016). No que concerne ao discurso elaborado por Lula em resposta à pergunta de Bonner, nota-se que a atitude argumentativa do entrevistado é marcada, primeiramente, por uma validação da pergunta, a partir da qual Lula formula uma proposta, estabelece uma proposição (tomada de posicionamento frente à proposta), apresenta dados e argumentos para sustentar seu posicionamento e finaliza seu turno de fala com uma conclusão a respeito do tópico discursivo proposto pelo entrevistador. O dispositivo argumentativo (Charaudeau, 2008), elaborado em forma de esquema na figura abaixo, revela esses aspectos.

Esquema 2: organização argumentativa da resposta I

Proposta	Em relação à pergunta formulada por Willian Bonner: • Lula destaca a importância da pergunta, sinaliza a oportunidade de falar abertamente ao povo brasileiro e defende que o reconhecimento da corrupção exige transparência governamental
Proposição	Posicionamento quanto à proposta: • Apresentação de justificativas
Persuasão	Lula apresenta os seguintes dados/argumentos em relação ao governo do PT: • Arg. 1: Criação do Portal da Transparência, atuação da CGU como agência fiscalizadora, criação de leis anticorrupção, contra crime organizado e contra lavagem de dinheiro, além da criação do COAF e do CAD para combate a cartéis. • Arg. 2: Independência do Ministério Público e da Polícia Federal para realização de investigações. • Arg. 3: Sinalização de que a Lava Jato teve uma finalidade de ordem mais política do que investigativa. • Arg. 4: Indicação da parcialidade do então juiz Sérgio Moro no processo da Lava Jato.
Conclusão	Constatação (em forma de nova proposta/tese): • Não há possibilidade de corrupção em um novo mandato presidencial, pois qualquer indício desse problema será investigado, julgado e punido/absolvido.

Fonte: elaboração dos autores.

A partir desse dispositivo, nota-se que, no espaço da proposta, Lula não só valida a pergunta formulada por Bonner (linha 1), como recontextualiza o conteúdo dos argumentos apresentados pelo entrevistador (linhas 2 e 3). Em outras palavras, ao colocar em cena a

justificativa de que durante 5 anos foi massacrado em relação à temática da corrupção, o entrevistado busca ancorar seu discurso no domínio da Ética (Charaudeau, 2008) ao acionar a temática da injustiça por ele sofrida no período em questão e sinalizar a importância da entrevista de que participa para poder falar “abertamente ao vivo com o povo brasileiro”. Além disso, nas linhas 3 e 4, nota-se o uso de um argumento de ligação causal, procedimento que consiste em aproximar dois elementos (acontecimentos, objetos, processos) através de uma relação de causa e efeito. Sobre esse tipo de argumento, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 299) enfatizam que, “sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma causa que pode determina-lo”. Nesse caso, ao afirmar que a corrupção só “aparece quando você permite que ela seja investigada”, o entrevistado tenta vincular a transparência e as medidas de fiscalização (causa) à visibilidade de casos de corrupção (efeito).

Ao agir dessa maneira, Lula reivindica para si um ethos de virtude, pois “se supõe que ele, como representante do povo, é quem dá o exemplo” (Charaudeau, 2007, p. 122). Esse ethos busca atender à condição de sinceridade a que todo político estaria sujeito para projetar, discursivamente, sua credibilidade. Interessante observar que, na construção da sua proposta, Lula estabelece uma hierarquia de valores (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1996), uma vez que a ideia de injustiça, na visão do entrevistado, deveria ser percebida pela população como algo superior aos episódios de corrupção.

Na sequência, Lula procura justificar sua proposta a partir de um quadro de persuasão composto por diferentes argumentos. Primeiramente, o entrevistado utiliza-se de uma enumeração descritiva (linhas 5 a 10) a fim de listar ações e legislações criadas durante o seu governo para combater a corrupção, tais como a criação do Portal da Transparência, a atuação da CGU (Controladoria Geral da União) nessa tarefa, a criação da Lei de Acesso à Informação, entre outras, com o objetivo de demonstrar que seu governo tomou medidas concretas para enfrentar o problema. Tal estratégia, segundo Charaudeau (2008), caracteriza-se pelo fato de o sujeito argumentante colocar em cena vários argumentos para servir a uma mesma prova. No caso em análise, à enumeração de ações vinculam-se valores como transparência, lisura e honradez, concernentes ao domínio do Pragmático, visto que, na argumentação empreendida, tais valores evidenciam ações de natureza singular e original, praticadas durante o governo de Lula com a finalidade de combater a corrupção no país.

Assim, é por meio desses procedimentos que, em resposta à pergunta de Bonner, Lula procura construir de si e do seu governo um ethos de virtude, encenando em seu discurso uma “atitude de respeito para com o cidadão”, conforme destacada Charaudeau (2007, p. 124). A projeção desse ethos, além de fortalecer a imagem do entrevistado, tenciona deslegitimar discursos de acusação relacionados ao governo do PT (Partido dos Trabalhadores).

Ainda no quadro de persuasão, Lula destaca novos argumentos para sustentar a tese (proposta) de que a corrupção só pode vir à tona quando se permite que ela seja investigada. No trecho “Além de que o Ministério Público era independente e além do que a Polícia Federal recebeu do governo mais liberdade do que em qualquer outro momento da história (...), presente nas linhas 11 e 12, o entrevistado utiliza-se duplamente do operador argumentativo “além de” para acrescentar argumentos que se apoiam na noção de classe argumentativa. Essa noção, como explicita Ducrot (1987), designa um conjunto de enunciados que podem igualmente servir de argumento para uma mesma conclusão. Na sequência, linhas 12 a 16, Lula emprega uma descrição narrativa (Charaudeau, 2008) como estratégia de argumentação, de modo a produzir um efeito de exemplificação sobre todos os escândalos ocorridos e a forma como eles foram conduzidos em sua gestão. No interior da descrição narrativa, nota-se a presença de uma autocitação em forma de discurso direto, com o propósito de legitimar a postura do ex-presidente frente ao tema da corrupção no Brasil e de provocar, via discurso, um efeito de autenticidade. Por meio desses recursos, o entrevistado busca apoiar-se em valores como a transparência, a fiscalização da máquina pública e a responsabilidade governamental para, a partir disso, reivindicar para si ethé de competência e de responsabilidade, os quais, em conjunto, atuam na homologação discursiva do ethos de credibilidade de Lula enquanto sujeito político (Charaudeau, 2007).

Nas linhas 17 a 19, é importante destacar a presença de uma argumentação marcada pela dissociação de noções. Ao afirmar que a operação Lava Jato⁵ foi “um equívoco” por ter se enveredado por um caminho mais político do que investigativo, Lula busca desconstruir a ideia difundida na opinião pública de que a Lava Jato teria sido a maior investigação sobre corrupção já feita no Brasil. Conforme postulam Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 468), “a dissociação das noções determina um remanejamento mais ou menos profundo dos dados conceituais que servem de fundamento para a argumentação. Já não se trata, nesse caso, de cortar os fios que amarram elementos isolados, mas de modificar a própria estrutura deles”. Assim, por meio da dissociação de noções acerca da Lava Jato, o entrevistado busca

⁵ Conforme matéria jornalística da CNN Brasil, a Operação Lava Jato foi uma investigação deflagrada em 2014 pelo Ministério Público Federal do estado do Paraná (Brasil), o qual revelou um esquema de corrupção na Petrobras e em outras empresas públicas e privadas do país. Luiz Inácio Lula da Silva, à época (2015), inicialmente participou da operação como informante, mas se tornou alvo das investigações e foi condenado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso do tríplex no Guarujá e de um sítio em Atibaia, ambos em São Paulo. O petista ficou preso de abril de 2018 a novembro de 2019, tendo sido impedido de disputar a eleição presidencial de 2018. Porém, em 2021, mesmo ano em que a Lava Jato teve seu fim anunciado, o Supremo Tribunal Federal (STF) anulou as condenações contra Lula por entender que ele não teve seus direitos respeitados. Além disso, ainda em 2021, o STF decidiu que a atuação do ex-juiz Sérgio Moro no caso da Lava Jato foi considerada parcial, o que fez com que as provas colhidas contra o ex-presidente fossem anuladas. Lula teve seus direitos políticos restituídos pelo STF em 2021 e foi eleito Presidente do Brasil em 30 de outubro de 2022 para o exercício do seu terceiro mandato no cargo. Informações disponíveis em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-que-foi-a-operacao-lava-jato/>. Acesso em: 28 jan. 2025.

reafirmar valores no campo da Ética e projetar discursivamente os ethé de vítima e de coragem, colocando-se como um sujeito que foi alvo político de uma trama produzida para condená-lo injustamente à prisão.

Nas linhas 20 a 25, Lula direciona sua fala ao entrevistador e, no desenvolvimento da interação, utiliza-se novamente de uma descrição narrativa seguida de uma autocitação. Ao recorrer a esses recursos argumentativos, Lula procura “produzir um discurso de justificação de seus atos” (Charaudeau, 2007, p. 126), para, dessa forma, “se inocentar (...) das acusações que lhe são dirigidas”. Dito de forma mais clara, nesse trecho da resposta, Lula retoma uma fala direcionada ao então juiz Sérgio Moro em que, nela, Lula afirma ser convededor dos atos ilícitos praticados pelo juiz com a finalidade clara de condená-lo à prisão. Nesse caso, a argumentação se enquadra no que Charaudeau (2007) denomina de “argumento das circunstâncias”, ligado à questão da justificação no âmbito político. Em síntese, no intento de se desvincilar das acusações e das punições sofridas em razão da operação Lava Jato, Lula procura sustentar discursivamente seu ethos de caráter ao mostrar que “todo julgamento crítico relativo a fatos passados não poderia ser estabelecido sem levar em conta essas circunstâncias” (p. 134). Além disso, fica evidente em sua fala a ideia proposta por Charaudeau de que “o sujeito criticado por agir de certa maneira não pode ser acusado em nome de um passado que não tem mais lugar de ser” (2007, p. 134).

Por fim, ao concluir sua resposta em relação à pergunta formulada por Bonner, Lula tece uma constatação e coloca em cena uma nova proposta, qual seja, a de que não haveria possibilidade de corrupção em um novo mandato presidencial, visto que qualquer indício desse problema seria investigado, julgado e punido/absolvido. Com base no que postula Charaudeau (2007) acerca das imagens dos sujeitos políticos, nota-se que Lula, nesse trecho da resposta (linhas 26 a 29), projeta de si um ethos de solidariedade (um dos ethé de identificação propostos por Charaudeau), haja vista que, por meio de sua fala, ele se coloca como um ator político atento aos questionamentos e preocupações do povo brasileiro, que, na situação comunicativa da entrevista, são alçados ao papel de cidadãos temerosos de que a corrupção volte a ser um tema recorrente na vida política do país.

Agindo dessa maneira, Lula se coloca em posição de igualdade com o povo brasileiro, o que se comprova no seguinte trecho “vou dizer para você olhando nos olhos do povo brasileiro”, de forma que a expressão “olhando nos olhos” carrega consigo imagens de preocupação e de seriedade em relação ao tema colocado em discussão, além de uma tentativa de despertar nos telespectadores uma postura de confiança por meio da estratégia de “dizer a verdade”. Charaudeau (2007) aponta que os ethé assentados no terreno da verdade podem levar o político a exibir uma imagem de si que dialoga não somente com aqueles que o defendem e que partilham com ele uma mesma opinião, mas também com

aqueles que defendem pontos de vista divergentes e que, consequentemente, poderiam não concordar com aquilo que o sujeito político (Lula) enuncia em seu discurso.

Por fim, na conclusão, fica notória a presença do ethos de seriedade, inserido entre os ethé de credibilidade propostos por Charaudeau. Como a pergunta de Bonner carrega consigo um questionamento sobre o que o presidenciável faria para assegurar que os escândalos de corrupção não se repetissem no país, Lula se vê na necessidade não somente de realizar uma declaração a respeito de si mesmo, como também de apresentar um apanhado geral das ideias que ele mantém em decorrência do seu envolvimento nas investigações da Operação Lava Jato e sua posterior absolvição pelo Supremo Tribunal Federal. Assim, ao mesmo tempo em que constrói um ethos de seriedade, Lula também delineia um ethos de competência, ao (re)afirmar que as medidas de investigar, julgar e punir/absolver continuariam tendo lugar primordial em um futuro mandato como presidente do Brasil.

Análise do par pergunta/resposta II: Lula e a gestão da economia

Pergunta II – elaborada por William Bonner

1. “Vamos falar de economia então agora, candidato. Todos os economistas atualmente estão dizendo
2. Que o próximo governo vai ser obrigado a lidar com uma bomba fiscal, um desequilíbrio das contas
3. Públicas enorme. O senhor não tem sido claro quando fala dos seus planos para a economia, mas
4. O senhor, ao mesmo tempo, tem feito promessas. Como é que o senhor pretende recuperar o
5. Equilíbrio das contas?”

Resposta à pergunta II – elaborada por Lula

1. “É que você não deve lembrar o que os meus economistas diziam para mim nas eleições de 2002.
2. Naquela época, o Brasil tava quebrado. Naquela época, vocês lembram que o Brasil quebrou duas
3. Vezes no governo FHC. Naquela época o Malan, que era um homem sério, ele todo ano ia para
4. Washington tentar pegar dinheiro para tentar fechar o caixa do governo. Tão lembrado de 2 pessoas
5. Do FMI que vinham pro Brasil investigar o Brasil todo dia. Os meus economistas diziam: o Brasil tá
6. Quebrado. E eu falava: então por que vocês querem que eu ganhe as eleições?
7. Então eu vou dar um dado para você, para você ver o seguinte: quando eu tomei posse em 2003,
8. o Brasil tinha 10,5% de inflação. O Brasil tinha 12% de desemprego. O Brasil devia US\$ 30 bilhões
9. ao FMI. Nós tínhamos uma dívida pública de 60,4%. O que nós fizemos? Primeiro: nós reduzimos
10. da inflação para a meta, que era 4,5 durante todo o meu período de governo. Segundo: nós
11. reduzimos a dívida pública de 60,4% para 39%. Nós fizemos uma reserva de US\$ 370 bilhões e
12. nós ainda emprestamos US\$ 15 bilhões para o FMI, não sei se você tá lembrado disso. Além do
13. quê, nós fizemos a maior política de inclusão social que a história desse país conheceu. É assim
14. que nós vamos governar esse país.
15. Eu digo sempre que tem 3 palavras mágicas para governar o país: a primeira delas é credibilidade,
16. a segunda é previsibilidade, e a terceira estabilidade. Você tem que garantir, primeiro, que quando
17. você falar as pessoas acreditam no que você fala. Quando você fala na previsibilidade, é porque
18. ninguém pode ser pego de surpresa dormindo com mudança do governo. E a estabilidade é para
19. você convencer o governo cumprindo com a sua tarefa, que os empresários privados do Brasil e os
20. empresários estrangeiros têm condições e saibam que tem estabilidade para fazer investimento
21. aqui dentro e você sabe.
22. Eu vou terminar de dizer o seguinte: nunca antes na história do Brasil, este governo teve uma chapa
23. como Lula e Alckmin para poder ganhar a credibilidade interna e externa para fazer acontecer as
24. coisas no Brasil.”

No que tange à pergunta feita pelo jornalista William Bonner, nota-se que o entrevistador inicia a sua fala por meio da delimitação do tópico discursivo que guiará a formulação da pergunta, centrada no espaço temático da economia. Feita essa delimitação, infere-se, em primeiro lugar, a existência de um problema sério com o qual o próximo presidente eleito deveria lidar, qual seja, um rombo considerável nas contas públicas, expressivamente delineado a partir da utilização de uma hipérbole e de uma generalização presente na fala do entrevistador “Todos os economistas atualmente estão dizendo que o próximo governo vai ser obrigado a lidar com uma bomba fiscal, um desequilíbrio das contas públicas enorme” (linhas 1 a 3). Percebe-se, dessa maneira, que o tópico relacionado à economia do país é um ponto relevante no jogo comunicacional da entrevista em questão.

Em seguida, Bonner complementa a observação anterior com uma pergunta aberta (Hoffnagel, 2005), construída por meio de um questionamento de provocação, na modalidade delocutiva⁶ de constatação (Charaudeau, 2008). Aqui, mais uma vez, é possível perceber que a pergunta se configura a partir de um esquema argumentativo, o que, de certa forma, põe em dúvida, por meio de uma alegação implícita (Gonçalves-Segundo, 2016), a possível estratégia de governo empregada por Lula para superar a problemática fiscal e econômica do Estado e, concomitantemente, cumprir as promessas realizadas durante a campanha presidencial. O esquema a seguir mostra essa configuração.

Esquema 3: organização argumentativa da pergunta II

Proposta	Em relação à economia do país: • Economistas dizem que o próximo governo vai ser obrigado a lidar com o equilíbrio das contas públicas
Proposição	Posicionamento quanto à proposta: • Apresentação de uma restrição
Persuasão	• Arg. 1: Lula não tem sido claro quanto aos planos para a economia • Arg. 2: Ainda assim, Lula tem feito promessas em sua campanha
Conclusão	Alegação (em forma de questionamento): • Como é que o senhor pretende recuperar o equilíbrio das contas?

Fonte: elaboração dos autores.

Levando em conta tais informações, observa-se que, do ponto de vista configuracional, a pergunta é precedida de uma proposta, em forma de discurso relatado, a partir da qual o entrevistador coloca em cena uma perspectiva generalizada de economistas que, segundo o

⁶ Segundo esclarece Charaudeau (2008), a modalidade delocutiva busca projetar no discurso um efeito de objetividade, uma vez que, por meio desse recurso, o sujeito enunciador gerencia uma tentativa de apagamento do sujeito falante e de seu interlocutor, abrindo espaço para pontos de vista externos sobre o tema em discussão.

jornalista, defendem a tese de que o próximo presidente da República seria obrigado a lidar com o equilíbrio das contas públicas. O jornalista, então, assume um posicionamento diante dessa proposta de partida e explicita uma restrição. Para sustentar essa restrição, Bonner apresenta dois argumentos: (i) o primeiro, de que Lula não tem sido claro quanto aos planos para a economia; (ii) o segundo, de que, mesmo não tendo clareza quanto a esse tema, o candidato tem feito promessas em sua campanha.

Tais argumentos, do ponto de vista da doxa⁷ (Amossy, 2005, 2018), podem se valer do seguinte cálculo inferencial: candidatos sem propostas claras sobre a economia não deveriam fazer promessas. Ao agir dessa maneira, o entrevistador, então, realiza uma pergunta aberta e direta (Hoffnagel, 2005) ao candidato, cujo questionamento de provocação carrega consigo uma alegação implícita (Gonçalves-Segundo, 2016), qual seja: a de que a economia brasileira não está equilibrada. Na resposta, é possível notar que o entrevistado, no papel de sujeito enunciador (EUe), constrói uma argumentação que pode ser examinada a partir do dispositivo argumentativo proposto por Charaudeau (2008). O esquema abaixo evidencia essa organização.

Esquema 04: organização argumentativa da resposta II

Proposta	Em relação à pergunta formulada por Willian Bonner: • Lula defende que, mesmo diante de um Brasil quebrado economicamente em 2002, os economistas o viam como a melhor opção para governar o país
Proposição	Posicionamento quanto à proposta: • Realização de pergunta, seguida de justificativas
Persuasão	Lula apresenta os seguintes dados/argumentos em relação a questões econômicas: • Arg. 1: No primeiro mandato de Lula, realizou-se a maior política de inclusão social da história do Brasil. • Arg. 2: Na gestão da máquina pública, um Presidente deve levar em conta três aspectos: credibilidade, previsibilidade e estabilidade.
Conclusão	Afirmação (em forma de nova proposta/tese): • A chapa formada por Lula e Geraldo Alckmin é a melhor opção para a gestão econômica do país.

Fonte: elaboração dos autores.

Lula inicia sua resposta a partir da estratégia de apelo à memória ao relembrar a situação na qual o Brasil se encontrava nas eleições presidenciais do ano de 2002, qual seja: o Brasil estava quebrado, com um rombo nas contas públicas, tendo passado por dois momentos econômicos complicados no mandato do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC) e sob investigação recorrente do FMI (Fundo Monetário Internacional). Essas

⁷ Com base na teoria da argumentação no discurso (Amossy, 2018), o conceito de “doxa” diz respeito ao conjunto de saberes, opiniões e crenças socialmente compartilhados que circulam em uma comunidade e que servem como base para a construção e para a eficácia dos discursos.

informações, presentes no discurso do entrevistado, são imputadas aos economistas que participaram da campanha eleitoral de Lula no ano de 2022. Portanto, é a partir de um discurso relatado que Lula ancora a sua fala. Ao buscar respaldo no acionamento dessa memória, Lula o faz a partir do procedimento discursivo de comparação no âmbito da encenação argumentativa (Charaudeau, 2008), tendo em vista que o entrevistado almeja ilustrar, por meio de uma comparação objetiva por semelhança, dois momentos históricos similares: as eleições presidenciais de 2002 e as eleições presidenciais de 2022, momentos nos quais a economia do Brasil passara por graves problemas. Assim, é a partir dessas estratégias que Lula constrói a sua proposta/tese de que, mesmo diante de um Brasil quebrado economicamente em 2002, os economistas o viam como a melhor opção para governar o país.

Em sua fala (linhas 5 e 6), ao assinalar a pergunta dirigida aos economistas da sua equipe econômica ainda durante as eleições de 2002, presente no trecho: “Os meus economistas diziam: o Brasil tá quebrado. E eu falava: então por que vocês querem que eu ganhe as eleições?”, nota-se que Lula, no papel de sujeito enunciador (EUe), estrategicamente guiado pelo Lula que ocupa o lugar de sujeito comunicante (EUc) na interação, busca projetar de si uma imagem de competência, colocando-se, portanto, como única opção capaz de restabelecer a economia do Brasil nas eleições de 2022. Importante registrar que, nesse contexto, o ethos de competência ancora-se nos valores de singularidade e de excepcionalidade que Lula, de forma implícita, reivindica para si. Tais valores, segundo a semiolinguística, situam-se no domínio do Pragmático, em que um “argumento é colocado como consequência de uma ação” (Charaudeau, 2008, p. 232), haja vista que, no caso em tela, tais valores sustentam o seguinte raciocínio: o Brasil está quebrado. Logo, somente um candidato com características singulares (Lula) pode reverter esse problema.

Para sustentar a tese presente na proposta elaborada, o entrevistado assume um posicionamento de justificação (Charaudeau, 2008) e aciona diferentes argumentos para dar sustentação ao seu discurso. Lula segue com sua resposta, demonstrando por meio de dados a conjuntura socioeconômica do Brasil no período de 2003, ocasião em que ele assumiu o seu primeiro mandato como presidente da República. No trecho presente entre as linhas 7 e 14, Lula, primeiramente, argumenta a partir de números, colocando em cena os seguintes dados: “Então eu vou dar um dado para você, para você ver o seguinte: quando eu tomei posse em 2003, o Brasil tinha 10,5% de inflação. O Brasil tinha 12% de desemprego. O Brasil devia US\$ 30 bilhões ao FMI. Nós tínhamos uma dívida pública de 60,4%.” (linhas 7 a 9). Trata-se, aqui, de uma argumentação diretamente relacionada ao lugar da quantidade (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1996; Reboul, 2004), cujos números evidenciam que a situação econômica do Brasil, à época, era consideravelmente negativa. Na sequência (linhas 9 a 14), o sujeito argumentante utiliza-se do questionamento (Charaudeau, 2008) como

procedimento retórico, isto é, ao utilizar-se da pergunta “O que nós fizemos?”, Lula abre espaço para expor as ações empreendidas em seu primeiro mandato como presidente da República a fim de sanar os problemas de ordem econômica que pairavam sobre o Brasil. A partir da pergunta colocada em cena, nota-se um tom professoral utilizado pelo entrevistado, visto que ele se utiliza de articuladores de organização textual (primeiro, segundo) para tecer seus argumentos na interação e, com isso, reforçar pontos importantes e mostrar conhecimento sobre o tema abordado pelo entrevistador. Ao final das explicações relacionadas à questão econômica, Lula aproveita o espaço da fala para acrescentar um novo argumento em seu discurso, colocando em cena a informação de que, em seu governo, foi feita “a maior política de inclusão social que a história desse país conheceu (linhas 12 e 13). Observa-se, portanto, que os argumentos apresentados trabalham a serviço da finalidade discursiva de demonstração, prevista no contrato comunicacional que rege a entrevista em questão. Dito de forma mais clara, a instância de produção, representada pela figura de Lula candidato (EUe), busca expor dados, informações e argumentos favoráveis à construção da sua imagem no e pelo discurso, colocando-se, portanto, como a melhor opção para presidir o Brasil.

A condução da resposta de Lula até aqui demonstra, de maneira evidente, a construção de três ethé em seu discurso: o ethos de competência, inserido no âmbito maior dos ethé de credibilidade, e os ethé de força tranquila e de inteligência, presente, por sua vez, na categorização dos ethé de identificação (Charaudeau, 2007). Quanto ao ethos de competência, é possível observar que Lula detém um saber específico do seu domínio (política) ao expor dados e números que asseguraram uma transformação na situação econômica do país. Além disso, ele mostra que, durante o seu governo, tal conhecimento foi testado em termos práticos, sinalizando, com isso, sua experiência em relação ao cargo pleiteado. Conforme afirma Charaudeau, “Os políticos devem, portanto, mostrar que conhecem todas as engrenagens da vida política e que sabem agir de maneira eficaz.” (2007, p. 125).

Isso leva à construção da imagem de competência atrelada à pessoa de Lula no e pelo discurso através de um sujeito enunciador (EUe) que sabe lidar com os trâmites da vida política. Concomitantemente, o sujeito de linguagem construído por Lula até esse ponto de sua resposta evoca para si a imagem de inteligência e a figura de força tranquila, estando tais imagens atreladas aos ethé de identificação. Ao mesmo tempo em que se mostra inteligente e habilidoso aos olhos do público (sujeito interpretante) em relação ao fornecimento de dados e à resolução de problemas, Lula ainda aciona a figura do político que sabe o momento certo para agir e que não se precipita nem é tomado por impulsos, sendo este um ethos bastante ligado à imagem do líder que pode guiar as outras pessoas, que é sensato e que certamente irá cumprir com os compromissos assumidos por ele (Charaudeau, 2007).

Ademais, é plausível afirmar ainda a projeção de um ethos de solidariedade em seu discurso. No trecho presente nas linhas 12 e 14, ao afirmar que em seu governo foi realizada “a maior política de inclusão social que a história desse país conheceu. É assim que nós vamos governar esse país”, Lula atribui a si a imagem de um indivíduo que se preocupa com a necessidade das outras pessoas, estando atento e sendo responsável por elas ao colocar em cena o peso e a importância dos programas sociais realizados durante os seus dois mandatos (pode-se citar: Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, Prouni, Fome Zero). Como o ethos de solidariedade se insere no campo dos *ethé* de identificação, trata-se de uma imagem que coloca o político em posição de igualdade para com os seus semelhantes, indo ao encontro das ideias e necessidades não só do grupo ou nicho ao qual o ator político pertence, mas também em direção a grupos sociais diferentes do seu (Charaudeau, 2007).

Ainda no espaço da persuasão, o entrevistado complementa a sua resposta com uma espécie de “modelo de conduta de governança” que ele afirma seguir. Ao tecer, nas linhas 15 e 16, a afirmação: “Eu digo sempre que tem 3 palavras mágicas para governar o país: a primeira delas é credibilidade, a segunda é previsibilidade, e a terceira estabilidade”, Lula aciona a sua experiência para, a partir disso, se colocar como um candidato preparado para assumir um novo mandato presidencial. Na sequência, o então candidato define cada uma dessas estratégias de governança, valendo-se do procedimento discursivo da definição.

A definição, quando empregada na encenação argumentativa, tem o intuito de “produzir um *efeito de evidência e de saber* para o sujeito que argumenta” (Charaudeau, 2008, p. 236, grifos no original). Na análise em questão, Lula tenciona apresentar um modelo de comportamento a ser seguido ou desejado, o que se comprova por meio das definições expressas nas linhas 17 a 21: “Você tem que garantir, primeiro, que quando você falar as pessoas acreditam no que você fala. Quando você fala na previsibilidade, é porque ninguém pode ser pego de surpresa dormindo com mudança do governo. E a estabilidade é para você convencer o governo cumprindo com a sua tarefa, que os empresários privados do Brasil e os empresários estrangeiros têm condições e saibam que tem estabilidade para fazer investimento aqui dentro e você sabe”.

Assim, esse último trecho da fala de Lula enquadra-se em procedimentos semânticos relacionados aos domínios do Pragmático e do Ético (Charaudeau, 2008), já que, após traçar uma exposição de como sua equipe econômica conseguiu superar as intempéries no passado, Lula sinaliza como as regras de governabilidade empregadas por ele em governos anteriores tiveram sua eficácia comprovada (utilidade X inutilidade – concernente ao domínio do Pragmático) e, por esse motivo, deveriam ser seguidas como modelo de conduta (bem X mal – concernente ao domínio do Ético) em um possível novo mandato. Ao empregar essas estratégias em sua argumentação, Lula não só projeta no discurso uma imagem de gestor experiente e habilidoso, como reivindica para si um ethos de competência, visto que, segundo

Charaudeau (2007, p. 125), tal ethos “exige de seu possuidor, ao mesmo tempo, saber e habilidade”.

Por fim, o entrevistado conclui sua resposta da seguinte maneira: “Eu vou terminar de dizer o seguinte: nunca antes na história do Brasil, este governo teve uma chapa como Lula e Alckmin para poder ganhar a credibilidade interna e externa para fazer acontecer as coisas no Brasil.”. Com base nesse excerto, presente nas linhas 22 a 24, constata-se que os argumentos e as imagens de si projetadas ao longo da resposta apresentam uma dupla funcionalidade: (i) num primeiro momento, tais estratégias buscam sustentar a proposta inicial de que, frente a um Brasil quebrado economicamente, Lula seria o melhor candidato para governar o país; (ii) num segundo momento, observa-se que as estratégias acionadas pelo entrevistado também cumprem a tarefa de legitimar uma nova proposta (ou nova tese), qual seja: a de que a chapa formada por Lula e Geraldo Alckmin, no contexto das eleições presidenciais de 2022, também se apresentaria como a melhor opção para a gestão econômica do país. Assim sendo, ao mesmo tempo em que Lula trabalha seu ethos no terreno político da credibilidade, ele também aciona valores atrelados aos ethé de identificação, com destaque, no espaço da conclusão, para a construção de um ethos de coragem, visto que, ao formar uma aliança com Geraldo Alckmin, ex-adversário político, Lula ancora seu discurso na ideia de conciliação e de ampliação da sua base eleitoral, tendo em vista a presidência da República.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos investigar o funcionamento da argumentação em uma entrevista jornalística concedida por Luiz Inácio Lula da Silva ao Jornal Nacional da TV Globo no contexto das eleições presidenciais de 2022. Para dar conta dessa empreitada, examinamos o contrato de comunicação que rege a entrevista político-eleitoral, investigamos a organização argumentativa das perguntas formuladas pelos entrevistadores e, por fim, analisamos as estratégias argumentativas que caracterizam as respostas elaborados por Lula, no papel de entrevistado, a fim de construir, no decurso da interação, diferentes imagens de si por meio do discurso. Para sustentar as análises empreendidas, buscamos respaldo na teoria semiolinguística de Charaudeau (1992, 2007, 2008, 2013). A essa teoria de base, foram acopladas contribuições de outras vertentes teóricas dos estudos da linguagem, com destaque para o conceito de ethos discursivo e para a noção de estratégias argumentativas.

No tocante ao contrato de comunicação da entrevista, foi possível perceber que essa prática discursiva se caracteriza pela presença de diferentes sujeitos que, na interação, ocupam diferentes papéis. Na instância de produção, enquanto sujeitos empíricos (EUc), temos, de uma lado, as figuras dos jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos, representantes do grupo Globo de comunicação, responsáveis pela formulação das perguntas

e, ainda, a figura do então candidato Luiz Inácio Lula da Silva, sujeito empírico, ex-metalúrgico, ex-sindicalista, ex-presidente da República, filiado ao Partido dos Trabalhadores e que, em 2022, buscava ser eleito para o exercício do seu terceiro mandato presidencial. Na instância de recepção, no papel de sujeitos interpretantes, observamos a existência de um público heterogêneo, formado por diferentes cidadãos brasileiros que, em 2022, puderam assistir à entrevista concedida por Lula ao Jornal Nacional. Esse público, vale ressaltar, é constituído tanto por eleitores de Lula quanto por eleitores dos demais candidatos à presidência na época ou, ainda, por sujeitos indecisos quanto ao voto no pleito de 2022.

No âmbito temático, a entrevista abordou diferentes assuntos. Para este trabalho, foram analisadas duas interações que tiveram como temáticas centrais a questão da corrupção e a gestão da economia brasileira. No tocante à finalidade contratual, as perguntas caracterizam-se, predominantemente, pela visão de informação, tendo em vista a busca por audiência. As respostas empreendidas por Lula, por sua vez, apresentam uma dupla visada discursiva: a do “fazer-saber” e a do “fazer-fazer”. Isso se justifica porque, inserido no terreno político-eleitoral, o discurso apresentado na entrevista busca não apenas convencer ou fidelizar os próprios eleitores, mas fornecer evidências ou dados capazes de atrair e conquistar novos votos. No que concerne às circunstâncias materiais da troca, a interação entre o jornalista William Bonner, de um lado, e Luiz Inácio Lula da Silva, de outro, ocorreu de forma síncrona, em tempo real, no estúdio do Jornal Nacional da TV Globo, na cidade do Rio de Janeiro. Nesse caso, trata-se de uma troca dialogal, marcada predominantemente pela alternância de turnos de fala, em que um(a) jornalista (entrevistador) elabora a pergunta e o candidato (entrevistado) responde ao questionamento.

Em relação às perguntas, notou-se que o jornalista William Bonner, no papel enunciativo de entrevistador, procura colocar-se na interação como representante da opinião pública e, uma vez caracterizado por essa legitimação, elabora perguntas predominantemente abertas, as quais possibilitam ao entrevistado discorrer argumentativamente, nos limites da entrevista, sobre os tópicos discursivos colocados como pauta na interação. É importante ressaltar que tais perguntas são formadas a partir de uma organização argumentativa, sendo compostas, portanto, por uma proposição de partida, por um posicionamento do entrevistador, por um quadro de persuasão e por uma conclusão (em forma de questionamento) que, em linhas gerais, carrega consigo uma alegação indireta sobre o tema em pauta. Ao empregar perguntas com essa configuração, nota-se que, em alguma medida, o jornalista procura mostrar que domina o assunto, que é capaz de extrair informações de cunho político e pessoal do entrevistado e que, na interação, busca assegurar um papel de superioridade sobre o entrevistado.

Por fim, buscamos analisar de que forma o conteúdo presente nas respostas do entrevistado, examinado predominantemente à luz de categorias da semiolinguística,

evidencia a organização argumentativa de seu discurso e contribui para a construção de imagens de si na interação. As respostas se estruturam a partir de uma proposta/tese elaborada em relação ao questionamento feito pelo jornalista. Na sequência, o entrevistado apresenta um posicionamento sobre essa proposta e, então, aciona diferentes estratégias argumentativas para sustentar o seu ponto de vista no espaço da persuasão, sinalizando, ao final, uma nova proposta. Vale destacar que, em todas as etapas desse processo argumentativo, o entrevistado busca projetar diferentes imagens de si no discurso, alternando-se entre os ethé de credibilidade e os ethé de identificação propostos por Charaudeau (2007) no âmbito do discurso político. Nas análises, Lula não só procurou desconstruir imagens prévias atribuídas a ele e ao seu partido político (PT), como projetou argumentativamente os ethé de virtude, de competência, de responsabilidade e de seriedade (no âmbito da credibilidade) e os ethé de caráter, de solidariedade, de inteligência, de força tranquila e de coragem (no espaço da identificação). Em suma, as análises realizadas evidenciam que a argumentação atravessa e constitui o espaço discursivo de uma entrevista com presidenciável, uma vez que, por meio dessa prática, regida por um contrato de comunicação, entrevistador e entrevistado acionam recursos argumentativos, defendem posicionamentos e procuram agir sobre a instância de recepção na busca por audiência e, no caso específico do entrevistado, na (re)construção do seu ethos com a finalidade de obtenção de votos.

Referências

- AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-16.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Coord. equipe de tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005 [c. 400 a.C].
- BAKHTIN, M. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].
- CHARAUDEAU, P. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette, 1992.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, P. O *ethos*, uma estratégia do discurso político. In: CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 113-166.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 2. ed. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2013.
- CUNHA, G. X. As relações textuais como recursos para a episteme-em-ação: estudo da dimensão epistêmica de uma entrevista com presidenciável. **Filologia e Linguística**

Portuguesa, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 69-85, jan./jul. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v25i1p69-85>.

DITTRICH, I. J. Por uma retórica do discurso: argumentação técnica, emotiva e representacional. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 52, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1465>.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

EGGS, E. Ethos aristotélicien, conviction et pragmatique moderne. In: AMOSSY, R. **Images de soi dans le discours**: la construction de l'ethos. Genève: Delachaux et Niestlé, 1999. p. 31-59.

GALINARI, M. M. Sobre ethos e AD: tour teórico, críticas, terminologias. **DELTA – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 28, n. 1, p. 51-68, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/delta.v28i1.5528>

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Argumentação e falácia em entrevistas televisivas: por um diálogo entre o modelo Toulmin e a perspectiva textual-interativa. **Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 29, n. 2, p. 69-96, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v29i2p69-96>

HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.I; BEZERRA, M. A (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 180-193.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiano Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

PAULIUKONIS, M. A. L.; GOUVÊA, L. H. M. Texto como discurso: uma visão semiolinguística. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 8, n. 1, p. 49-70, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2638>

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermântina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIATTI, G. **La entrevista radiofónica como esgrima verbal**: estructura y función de los episódios Polémicos. Revista Onomazéin, Chile, n.19, 2009, p. 89-110. Disponível em: <https://doi.org/10.7764/onomazein.19.05>

PODER360. **Leia a transcrição da entrevista de Lula ao “Jornal Nacional”**. 2022. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/eleicoes/leia-a-transcricao-da-entrevista-de-lula-ao-jornal-nacional/>>. Acesso em: 13 jul. 2024.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Sobre os autores

Jairo Venício Carvalhais Oliveira

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3511-9293>

Doutor e mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Faculdade de Letras da UFMG, onde atua na graduação em Letras (área de Linguística do Texto e do Discurso), na especialização em Língua Portuguesa (área de Argumentação, Leitura Crítica e Produção Textual) e no Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras (área de Linguagens e Letramentos).

Francisco Augusto Vilaça da Costa

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-9061-2314>

Bacharel em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, com habilitação na área de Estudos Linguísticos do Texto e do Discurso. Atualmente, trabalha como analista financeiro na Escola Americana de Belo Horizonte (EABH). Na área de pesquisa, investiga as formas de funcionamento da argumentação em diferentes campos discursivos, com ênfase no estudo de gêneros relacionados às esferas política e midiática.

Recebido em mar. 2025.

Aprovado em mai. 2025.